

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

WILIAM EULLER SOUSA SÁ



São Luís

2024

WILIAM EULLER SOUSA SÁ

TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO

Artigo Científico apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Gisele Soares de Vasconcelos

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Sá, Wiliam Euler.

Transmissão de saberes no barracão / Wiliam Euler
Sousa Sá. - 2024.
32 f.

Orientador(a): Gisele Soares de Vasconcelos.
Curso de Teatro, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, 2024.

1. Bumba Meu Boi. 2. Cultura Popular. 3. Saberes
Tradicionais. 4. Experiência Artística. 5. Pedagogia
Teatral. I. Soares de Vasconcelos, Gisele. II. Título.

TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO

TRANSMISSION OF KNOWLEDGE IN THE SHED

William Euler Sousa Sá ¹

RESUMO

Este artigo descreve e reflete acerca dos atravessamentos de como a manifestação do bumba meu boi nos fez chegar ao barracão do boi da Floresta e das influências dessa prática na produção artístico-pedagógica. Refletindo sobre esses espaços de iniciativas socioeducativas o artigo discute três aspectos que envolvem o boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade, São Luís, Maranhão: a) as formas de transmissão de saberes no barracão; b) o papel do barracão para a comunidade e c) o atravessamento do boi nas criações artísticas. Este estudo fez uso da pesquisa de campo, realizando coleta de dados através de entrevistas orais na perspectiva de uma abordagem qualitativa, considerando a necessidade de uma relação subjetiva e horizontal com o espaço e o objeto da pesquisa. Visando o surgimento de novos materiais durante a investigação, apresenta reflexões sobre saberes populares que resultam em diferentes formas do fazer artístico-pedagógico.

Palavras-chave: Bumba meu boi. Cultura popular. Saberes tradicionais. Experiência Artística. Pedagogia Teatral.

ABSTRACT

This article describes and reflects on the intersections of how the bumba meu boi demonstration brought us to the Boi da Floresta hut and the influences of this practice on artistic-pedagogical production. Reflecting on these spaces of socio-educational initiatives, the article discusses three aspects involving the Boi da Floresta, located in the Liberdade neighborhood, São Luís, Maranhão: a) the forms of transmission of knowledge in the hut; b) the role of the hut for the community

¹ Graduando do Curso Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: wiliam.euller@discente.ufma.br

and c) the crossing of the boi in artistic creations. This study used field research, collecting data through oral interviews from the perspective of a qualitative approach, considering the need for a subjective and horizontal relationship with the space and the object of the research. Aiming at the emergence of new materials during the investigation, it presents reflections on popular knowledge that result in different forms of artistic-pedagogical practice.

Keywords: Bumba meu boi. Popular culture. Traditional knowledge. Artistic experience. Theatrical pedagogy.

INTRODUÇÃO: A RODA SE ABRIU

Oriunda do desejo e da intuição, a pesquisa monográfica que deu origem a este artigo, é fruto de atravessamentos encontrados nos caminhos da formação do ser-artista-educador. O objetivo inicial era compreender a transmissão de saberes no barracão do Boi da Floresta², mas ao cavar entendimentos sobre o trajeto que a investigação percorreria, percebemos a necessidade de ampliação desse desejo de pesquisa. Antes de um possível distanciamento e das idas ao campo, foi necessário dar ouvidos e espaço às subjetividades presentes na condição humana, reconhecendo esses atravessamentos como potência de pesquisa, de escritas de si e do outro e de trajetos de vida. Nesse processo, me encontrei resgatando memórias da infância, a fim de compreender como fui iniciado no universo artístico e na brincadeira³ do bumba meu boi. Assim como em diversas outras manifestações, o bailado do bumba meu boi é feito em roda. “Como em qualquer brincadeira popular, é ali, na roda, que acontece a sensação estética do boi, por exemplo.” (BORRALHO, 2012, p.39). Neste trabalho, utilizaremos da circularidade e estética presentes na “roda do Boi” como fios condutores para descrever os primeiros passos do pequeno Wiliam e narrar essa experiência de reencontro com o universo do bumba meu boi-meu-boi.

Essa roda se abriu por volta de 2006, no meu território de origem, Barreirinhas⁴ - MA. Aos seis anos de idade, comecei a estudar em um reforço escolar independente, liderado por uma senhora mais velha, conhecida por “Tia Maria José”. O ensino funcionava dentro de sua residência, que ficava às margens do rio Preguiças. Aquele espaço educativo possuía diversos livros, um quintal amplo com muitas árvores, entre

² Grupo de bumba meu boi criado por Mestre Apolônio no bairro da Liberdade.

³ A autora Luciana Carvalho em seu trabalho sobre o bumba meu boi do Maranhão (2005, p.1) afirma: “Brincadeira é um termo frequentemente usado no Maranhão para designar performances e grupos que executam performances de música, dança e teatro. (...) Nesse estudo do bumba meu boi preserva-se o termo no intuito de aludir aos vários sentidos compreendidos nessa manifestação, contemplando-a em suas dimensões de jogo, celebração, entretenimento e representação teatral.”

⁴ Município localizado no estado do Maranhão, na região dos Lençóis Maranhenses.

elas um pé de seriguela e animais que nos visitavam em sala de aula e, quando não, íamos ao quintal ao encontro deles. Tia Maria José ensinou muitas crianças a ler e transmitiu os conhecimentos e saberes populares adquiridos com o tempo de vida que tinha. Estar inserido naquele espaço me possibilitou acessar uma educação de qualidade, em contato direto com a natureza e saberes tradicionais. Hampaté Bâ, (UNESCO,2010) discorre sobre a importância de práticas de transmissão de saberes ligados à natureza e à experiência cotidiana:

Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes. Ou falará sobre o próprio animal, sobre as leis que governam sua vida e a “classe de seres” a que pertence, ou dará uma lição de moral às crianças, mostrando-lhes como a vida em comunidade depende da solidariedade e do esquecimento de si mesmo, ou ainda poderá falar sobre conhecimentos mais elevados, se sentir que seus ouvintes poderão compreendê-lo. Assim, qualquer incidente da vida, qualquer acontecimento trivial pode sempre dar ocasião a múltiplos desenvolvimentos, pode induzir à narração de um mito, de uma história ou de uma lenda. (Hampaté Bâ, 2010, p.183).

Nossa identidade foi construída naquele ambiente que tinha uma perspectiva pedagógica pautada na valorização dos saberes tradicionais. Sobre as ideias de ambientação escolar, Tiriba (2018) afirma que:

É necessário desconstruir a ideia e a realidade de uma vida escolar entre paredes porque não podemos correr o risco, no processo de democratização do acesso à escola, de estender a todos esse modelo nefasto. Pois o sentimento de respeito à natureza está relacionado à convivência, aos laços afetivos em relação aos lugares, aos seres, às coisas, ao universo biótico e abiótico (Tiriba, 2018, p.341).

No fundo de um quintal, uma sábia mulher preta ensinava às crianças sobre os números, escrita e leitura. Além do bê-á-bá, tabuadas e caligrafias, aquela professora transmitia os saberes de histórias populares, sendo a responsável por plantar a semente do bumba meu boi em nossas memórias. “Muitas vezes, a experiência entra na sala de aula a partir da memória”, nos diz Bell Hooks (2013, p.123). E assim durante anos, até minha adolescência dancei nos arraiais da minha cidade no pequeno boi formado por todas essas crianças que tiveram a chama de brincante acesa pelo ofício daquela mestra. A imagem abaixo é um registro de minha participação em uma das apresentações promovidas na cidade de Barreirinhas, Maranhão:

Figura 1 - Wiliam com sete anos de idade dançando boi.



Fonte: Acervo pessoal

É necessário citar a presença e importância de Cleia Reis, minha mãe, durante esses passos iniciais que com suas histórias e credences populares adquiridas pelos mais velhos me promoveu uma educação tradicional, mais próximo ao sentido exposto por Hampaté Bâ (2010):

A educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestre e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles.” (Hampaté Bâ, 2010, p.183).

Mesmo que ingenuamente, ela assume um papel importante em minha vida, o papel da ação cultural. Como afirma Teixeira Coelho “[...] define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.” (COELHO, 1999, p.33). Apesar de não estar inserida diretamente em grupos de boi, em algum lugar ela sabia da importância de estar naquela atividade junto com outras crianças e o quanto isso viria a colaborar para o meu desenvolvimento. O documento da *Base Comum Nacional Curricular* (BRASIL, 2016), reafirma essa necessidade, quando nos diz: “Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens.”

Por anos, minha mãe bordava minha roupa e me colocava para dançar naquele boizinho, mesmo quando não era possível me acompanhar nas apresentações, ela acabava distribuindo a função à alguma prima mais velha, para não deixar que eu faltasse. Lembro-me das idas aos pequenos arraiais e da minha relação com as outras crianças, pela pouca idade eu não entendia o motivo e o que exatamente estava fazendo ali. Talvez nem sabia se gostava ou não. Hoje reconheço que estar inserido no boi, teve um papel crucial no meu desenvolvimento cognitivo, físico e social, me proporcionando uma nova forma de ver o mundo. Através da experiência estética e perceptiva, os elementos visuais, sonoros e demais estímulos, como a sonoridade dos maracás, a materialidade das indumentárias, a movimentação dos vaqueiros de fita⁵ e tudo que estava à minha volta, foram ganhando cor de minha infância e fizeram parte do meu desenvolvimento enquanto cidadão. Como apontam as autoras Ribas e Moura (2006):

A abordagem sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. A partir desta orientação, entende-se que os mediadores - instrumentos, signos, práticas culturais - são carregados de significação cultural. Importante ainda ressaltar que os mediadores são ao mesmo tempo utilizados, construídos e transformados pelo grupo cultural. (Ribas; Moura, 2006, p.130)

Antes mesmo de tornar-se pesquisa, o meu “brincar boi” fez-se na prática e na oralidade do cotidiano, levando-me a pensar sobre a investigação acerca da relação entre práticas orais e escrita, abordada por Hampaté Bâ:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (Hampaté Bâ, 2010, p.168).

Hoje busco através dessas experiências iniciais estabelecer um paralelo com a minha pesquisa atual, trazendo para algumas práticas recentes a bagagem adquirida naquela fase de minha vida e os fundamentos presentes na manifestação do bumba meu boi meu boi. Pois, “No caso do boi, o componente humano não pode prescindir da sua carga de experiência adquirida no cotidiano, no ato de expressar-se artisticamente, trazendo para a brincadeira todas as informações necessárias que poderão subsidiar essa nova prática.” (BORRALHO, 2012, p.39). Enxergo esse início da minha aproximação com as culturas populares como uma ação educativa, pois foi através do ambiente escolar e familiar que tive minhas primeiras experiências de escuta e aprendizagem. Redescubri nessas memórias coletivas da infância uma possível potência de uma escrita de caráter

⁵ É uma figura muito importante, é empregado de confiança do patrão, o responsável em laçar o boi na festa de morte e durante as brincadeiras, além de estar sempre ao lado do boi, no centro da roda, guiando o seu movimento ou fugindo da chifrada do boi. Utiliza um enorme chapéu como dos baiantes, mas como dança muito, sua movimentação traz o equilíbrio com sua indumentária. (MANHÃES, 2009, p.186) No enredo o personagem é o vaqueiro da fazenda, ele usa um chapéu grande com fitas longas.

reflexivo sobre as vivências e trocas naquele espaço de aprendizagem. Segundo Tácito Borralho “O boi é coletivo por natureza. O processo reflexivo é constante, o jogo e a troca de experiência são vivências de quem brinca o boi.” (BORRALHO, 2012, p.39).

DA CRIANÇA BRINCANTE AO ARTISTA EDUCADOR PESQUISADOR

Com a chegada da fase da adolescência e ingresso no ensino fundamental, deparei-me com a ausência de ações de promoção da cultura popular aos jovens. Lembro-me da vontade de estar inserido em grupos e atividades culturais na comunidade, mas na época também não havia grupos de bumba meu boi na minha cidade. Com esses fatores acabei seguindo outros caminhos e me distanciei das culturas populares, o que continua a ocorrer com muitos jovens e por diversos motivos. Não podemos negar que a carência de ações culturais voltadas para a inserção e continuidade na cultura e na arte ainda é uma realidade comum em muitos lugares. O fomento à promoção da cultura aos jovens e crianças necessita ser prioridade do poder público, organizado através de políticas públicas voltadas para as escolas, garantindo o acesso e democratização da cultura e arte. Me iniciei no universo artístico e cultural através do reforço escolar independente citado acima, assim como eu, outras crianças poderiam ter a mesma oportunidade mediada pelo ambiente escolar. Sendo assim, as instituições públicas educacionais deveriam ocupar o espaço de serem as principais aliadas no combate ao esvaziamento de jovens no âmbito das culturas populares.

A escola é um espaço onde a pluralidade cultural existe e precisa ser trabalhada em toda a sua rica dimensão. Pensando nessa reflexão os jovens demonstram que há no cotidiano escolar uma realidade paradoxal. De um lado se encontram resistências de alunos que às vezes não valorizam e não conhecem a rica cultura popular que é parte de sua história. E preferem valorizar a cultura de massa midiáticas. De outro, percebemos boa parte dos estudantes jovens que entendem a importância da cultura popular (...) (Jesus e Oliveira, 2013, p.4)

As escolas devem ser um espaço democrático de aprendizagem de jovens e crianças, um lugar que não se resume somente à oferta de disciplinas escolares, mas um lugar que aborda também diversos valores e símbolos das culturas populares. Aproximando assim das vivências daquele território, dialogando diretamente com os estudantes que muitas vezes esvaziam e deixam a cultura popular pela grande oferta de cultura de massa e outros fatores. Apesar das lutas que o ensino público enfrenta no fortalecimento das culturas, a escola é

(...) o ambiente propício para a aprendizagem do respeito pelas culturas populares, pouco divulgadas na televisão (portanto diferentes daquilo que se tornou normal para os jovens), obtido a partir do conhecimento de suas formas de expressão materiais e imateriais, na complexidade de suas dimensões históricas, geográficas, sociais, artísticas, religiosas. vencendo o preconceito com a luz do conhecimento, é preciso formar um público jovem interessado nas suas próprias raízes, não envergonhado, mas orgulhoso delas, com espírito aberto o suficiente para redescobrir e valorizar, nas periferias das grandes cidades onde moram, as belezas ancestrais guardadas na memória de seus pais e avós. Só assim a cultura popular poderá ser reconhecida e respeitada, visando

alcançar a legitimidade de que hoje goza a cultura erudita, na escola ou fora dela. (...) (Jesus e Oliveira, 2013, p.4)

O reflexo do meu afastamento com as culturas populares veio dar sinais mais tarde. Após um tempo, percebi em mim essa falta e resolvi buscar lugares onde eu poderia retornar às atividades pausadas lá atrás. Devido ao período de pandemia, retorno à minha cidade de origem e, é lá, novamente em Barreirinhas, Maranhão, que encontro a Companhia Dançata⁶, que, na época, estava sediada nesta localidade. Lembro-me que um dia antes de fazer o teste para integrar o elenco, estava na disciplina de Tópicos especiais⁷, do curso de Licenciatura em Teatro, da UFMA, ministrada pela professora Renata Figueiredo⁸, que convidou o professor Lauande Aires⁹, para falar dos caminhos que o levou a pesquisar a cultura popular maranhense, ali me questionei se havia alguma espécie de chamado ou se esse encontro era somente uma coincidência. Durante esse período, na Companhia Dançata, montamos um espetáculo sobre o auto do bumba meu boi e também dançamos outros ritmos maranhenses como: dança do coco, dança de São Gonçalo, divino espírito santo, carimbó de caixa e tambor de crioula. Em meio aos ritmos e formas de dançar, percebi muitas mudanças em mim, mas ainda sentia a falta de conhecer a história e complexidade das culturas populares maranhenses. Após o período de pandemia, retorno à São Luís e integro a Companhia Encantar¹⁰, onde permaneci durante a temporada de 2022. E ali ainda havia em mim uma sensação de não reconhecimento, na minha dança tinha uma lacuna de quem não conhecia a raiz daquele universo e do que estava ao meu redor. Movido por essas inquietudes começo a pesquisar informalmente a historicidade do bumba meu boi.

No final de 2022, interessei-me pelo personagem Cazumba¹¹.

Mestre Abel gosta de dizer: “cazumba é pra fazer rir! E não adianta querer explicar muito se não perde a noção da coisa” Essa afirmação do mestre traz a força de que é mais importante viver a brincadeira do que entender, pois a lógica pode se perder quando achamos que encontramos a noção correta, já que o cazumba transita nas suas possibilidades e não é importante o que está certo ou errado. (Manhães, 2009, p. 114)

⁶ Grupo cultural de Danças Populares Maranhenses, atualmente sediado em Barreirinhas-Ma.

⁷ Disciplina ofertada no curso de Licenciatura em Teatro - UFMA, que oportuniza encontros formativos com diversos profissionais da área das Artes Cênicas.

⁸ Atriz, contadora de histórias e Arte educadora. Mestre em educação (UFMA), graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas e especialização em Artes Visuais, integrante do grupo Xama Teatro (MA).

⁹ Artista pesquisador com formação em Artes Cênicas (UFMA), integrante do grupo Xama Teatro (MA) e da VersoBaiô, Lauande Aires defendeu dissertação de mestrado no PPGAC/UFMA intitulada O ator brincante: um brinquedo-treinamento nos passos do boi.

¹⁰ Companhia Cultural de São Luís que realiza apresentações durante o período junino.

¹¹ Nesta pesquisa, não iremos defini-lo e aprofundar nas discussões sobre quem é o personagem. Para maior aprofundamento, ver a Dissertação de Juliana Manhães “Memórias de um corpo-brincante” que investiga a figura do Cazumba.

Conheci essa figura do Cazumba através de um trabalho da disciplina de Práticas Espetaculares da Cultura Brasileira¹², no curso de Licenciatura em Teatro – UFMA. Esse trabalho me fez realizar uma visita à sede do Boi da Floresta, inicialmente para buscar uma indumentária de Cazumba da companhia Dançata que havia brincado no ano de 2021. Na sede fui recebido por Nadir Cruz¹³ que se encontrava em meio aos bordados de uma indumentária para a próxima temporada de apresentações. Naquela tarde, em meio a uma conversa informal, foi perceptível a importância daquele grupo para o território do bairro da Liberdade¹⁴ e para o cenário cultural Ludovicense. Através de sua fala eu podia sentir a força e prazer em estar à frente daquela manifestação e seu papel no lugar em que vive. Ouvi sobre o ano da pandemia e as ações que o boi teve com o bairro, como unir costureiras e levantar ajudas para a confecção de máscaras e doações de alimentos.

Em um dado momento fui convidado para descer até o barracão¹⁵ e a conhecer o espaço, e me senti lisonjeado, pois Nadir não me conhecia e interrompeu o seu bordado para me apresentar a casa. Feliz por estar pisando naquele solo, ouvia com atenção cada história que era contada com muita firmeza. Em determinado momento fomos até à biblioteca da sede, que é disponibilizada para as crianças do bairro, com um acervo de livros e com alguns computadores. Naquele momento concluí nos meus pensamentos que além de sagrado, aquele barracão também se faz político. E assim começou a nascer uma vontade de pesquisar e escrever sobre as ações do barracão da Floresta, pois lá eles carregam essa missão de repassar os saberes de geração em geração. Acolhendo a comunidade, estabelecendo uma relação entre tradição e modernidade. Em meio a chapéus de fita, couraças e pandeirões, continuamos a conversar e ela me contava das diversas oficinas que eram oferecidas, como o bordado e a percussão e o modo de como esse trabalho tirava os jovens da violência, exclusão e marginalização que os cercam pela falta de políticas públicas.

De acordo com dados do IBGE, em 2022, dos 10,9 milhões de jovens que não estudavam e não estavam ocupados, 61,2% eram pobres e 47,8% eram mulheres pretas ou pardas¹⁶. (IBGE, 2023). Sabemos que nosso país é marcado por desigualdades sociais, que se faz também presente no sistema educacional, que é um dos principais meios de inserção de jovens no mercado de trabalho. Sem o acesso à educação, muitas pessoas não conseguem inserir-se no sistema de trabalho, ficando restringidas a serviços informais. Além da vulnerabilidade socioeconômica, há diversos outros fatores que levam as pessoas à segregação e marginalização cultural, espacial, racial e infantil. E por outro lado, existem grupos que de alguma forma buscam intervir nessa situação, como o caso do Boi

¹² Disciplina ofertada no curso de licenciatura em teatro - UFMA, que trabalha com as diversas práticas e manifestações culturais Brasileira.

¹³ Atual coordenadora do Boi da Floresta, foi esposa do Mestre Apolônio Melônio e possui duas filhas com ele.

¹⁴ Quilombo urbano localizado na cidade de São Luís, capital do Maranhão

¹⁵ Espaço ou sede do boi, onde se desenvolvem as atividades do grupo.

¹⁶ Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022. Agência IBGE, 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

da Floresta. As culturas populares assumem um papel importante na mudança desse contexto social, assim como o esporte, lazer, culturas urbanas e outros movimentos que vão contra a maré da desigualdade social que nosso país enfrenta. Naquele dia refleti sobre tudo que foi conversado com Nadir e me deparei com diversas inquietações.

Semanas após essa visita, produzi meu trabalho para obtenção de nota da disciplina que abordava o Cazumba¹⁷ e acabei me encantando pelo personagem. A imagem abaixo é um registro desse trabalho que me levou à sede do Boi da Floresta, realizado na disciplina de Práticas Espetaculares da Cultura Brasileira:

Figura 2 - Performance “Cazumbada”.



Fonte: Acervo pessoal

No trabalho “Cazumbada”, o performer vestia a indumentária de cazumba e dançava pelas ruas, monumentos e praças da cidade de Barreirinhas-Ma. Nessa performance busquei pensar na relação desse personagem com a rua, intervindo no cotidiano das pessoas que passavam por mim e lidando com diferentes tipos de reações como: medo, espanto, riso, admiração, entre outras. Nesse primeiro momento, reconheci que a proposta da disciplina era experimentar alguma manifestação popular e assim fiz com a indumentária, como a foto acima demonstra. Pedindo licença e com respeito à figura do Cazumba, percebia como meu corpo dialogava com essa indumentária, despertando uma espécie de estranheza por ser a primeira vez vestindo-a de forma superficial, pois não tive a oportunidade de experimentar o que as pessoas que estão inseridas dentro do boi vivenciavam. Juliana Manhães afirma que: “A indumentária cria um segundo corpo, uma nova pele, não se trata de vestir alguém, mas de literalmente

¹⁷ Personagem do bumba meu boi, concentrado na região da baixada Maranhense.

construir a coisa com um corpo chamado cazumba. Essa roupa indica um gestual, sugerindo ou interferindo na movimentação da brincadeira.” (Manhães, 2009, p.16).

Seguindo na trilha da vivência com as práticas artísticas em diálogo com as culturas populares, no ano de 2023, inscrevi-me em um curso de audiovisual no projeto Ilha em edição II¹⁸, promovido pela Ong Formação-MA¹⁹. No final do curso gravamos um filme e durante os processos de construção de roteiro decidimos que as locações seriam no bairro da Liberdade e em barracões de grupos de bumba meu boi. Em determinada aula assistimos ao documentário *Brincando na Floresta*, produzido por Giselle Bossard e Nat Maciel que falava sobre o barracão da Floresta, nele havia registros de alguns meninos aprendendo a tocar pandeirões e outros instrumentos de percussão. Durante o processo de seleção acabei sendo escolhido para interpretar Nicolas, morador do bairro da Liberdade e tocador do boi da Floresta. No final da preparação fizemos algumas oficinas com integrantes do boi, entre elas a de percussão, durante essa oficina, identifiquei que o meu professor de percussão, Neto Silva, era uma daquelas crianças do documentário citado acima. Também gravamos algumas cenas com o cantador do boi, Darlan Rodrigues, que assim como Neto era uma daquelas crianças que estavam aprendendo percussão no documentário. Esse fator me gerou uma série de reflexões e questões movidas naquele momento. Entre elas, o quão esse boi é importante na vida de diversas crianças, encontrando assim, o ponto central desta pesquisa: a transmissão de saberes no barracão.

Pensar as diferentes formas de aprender e repassar ao outro, assistir os meninos iniciantes, aprendendo na prática e logo depois ser ensinado por eles foi um dos gatilhos que me moveram a escolher o Boi da Floresta como campo de pesquisa. As imagens abaixo são registros das oficinas de percussão e da gravação do filme na sede do boi da Floresta:

Figura 3 - Oficina de percussão com Neto Silva.

¹⁸ O Ilha em Edição II envolveu jovens de 4 grupos de bumba meu boi do Maranhão, do Maranhão, do Quilombo Urbano Liberdade e do Território Maracanã, que participaram de 10 oficinas e produção de curtas e documentários contando histórias dos enredos relacionados com a cultura do bumba meu boi. FORMAÇÃO MA, 2023. Disponível em: <<https://formacao.org.br/nossa-historia-causa/>>. Acesso em: 27 de jun. de 2024.

¹⁹ A organização Formação – Centro de Apoio à Educação Básica (FCAEB) também é conhecida como Formação e Instituto Formação. Foi criada em setembro de 1999, por um conjunto de pesquisadores e estudiosos nas áreas de educação, comunicação, arte, esporte e desenvolvimento orgânico territorial. FORMAÇÃO MA, 2023. Disponível em: <<https://formacao.org.br/projetos/ilha-em-edicao/#>>. Acesso em: 27 de jun. de 2024.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 - Bastidores da gravação ao lado de Darlan Cantador



Fonte: Acervo pessoal

“Mar.Ina”, o filme que gravamos no bairro da Liberdade está circulando em alguns festivais do Brasil e foi premiado no Guarnicê Festival de Cinema²⁰ como melhor roteiro e melhor direção de arte. Nossas últimas gravações foram no barracão, uma cena

²⁰ O Festival Guarnicê de Cinema surgiu em 1977 – o que o posiciona como quarto mais antigo festival de cinema do país – ainda com o nome de Jornada Maranhense de Super 8. (GUARNICÊ, 2024) disponível em: <https://www.guarnice47.ufma.br/o-festival/>

em que a personagem principal se encontrava, colocava sua careta²¹ de cazumba e ia brincar na roda. Desde aquele set de gravação o som dos badalos²² e toadas²³ continuam a soar em meus ouvidos e meses mais tarde resolvi montar um segundo trabalho sobre a figura do Cazumba, dessa vez no Coletivo Cipó²⁴.

O trabalho se tratava de uma extensão da pesquisa que eu havia iniciado em 2022, um experimento cênico que mesclava linguagens das artes cênicas. Intitulado por “Cofa de cazumba”, a obra traz o corpo como narrador e abre o cofa interior do cazumba como elemento norteador da encenação. Dialogando com os espectadores através da dança, circo e teatro, a proposta buscava trazer algumas questões sobre o personagem como “cazumba ou cazumbá?”, “homem, mulher ou animal?” O trabalho foi selecionado em uma convocatória do Coletivo Reverbere e realizamos com outros artistas locais a abertura do festival Candeeiro²⁵, seguido de roda de saberes com pesquisadores de bumba meu boi. Abaixo um registro da cena:

Figura 5 - Apresentação do Coletivo Cipó no Festival Candeeiro.



Fonte: Acervo Cipó

Para Juliana Manhães, “é interessante pensar que a obrigação do cazumba está no seu poder de fazer graça, ou seja, de transgredir as regras, trazendo sua liberdade como fator primordial. E toda essa brincadeira, tem como princípio o seu jogo, ou seja, sua potência de interagir com o outro de forma divertida e espontânea, com o corpo vivo e

²¹ É a máscara do personagem cazumba dos bois da Baixada Maranhense, pode ser feita de pano, madeira, isopor, alumínio ou algum outro material que o artesão inventar.(MANHÃES, 2009, p. 180)

²² Instrumento musical, tipo sino de boi, que está sempre a tocar, marcando seu ritmo, funciona como um abre-alas que anuncia a passagem e chegada do bando de cazumbas. O som lembra um sino de igreja ou o ferro do tambor de mina.(MANHÃES, 2009, p.178)

²³ Denominação dada para as músicas do bumba meu boi.(MANHÃES, 2009, p.185)

²⁴ Coletivo artístico formado por jovens estudantes de Artes Cênicas.

²⁵ Festival de arte promovido pelo Coletivo Reverbere, em São Luís-MA.

atento.” (Manhães, 2009, p.16).

A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Durante os dois últimos estágios obrigatórios da graduação em Licenciatura em Teatro-UFMA, trabalhei a temática do bumba meu boi em sala de aula. A primeira experiência foi no estágio fundamental, realizado no período dos meses de maio, junho e julho, na turma do 7º ano B matutino do Colégio Universitário - COLUN-UFMA, em parceria com o professor supervisor Jorge Milton. No período eu e minha colega de estágio, Jennifer Froes, alinhamos nosso plano de curso para os conteúdos que o professor estava trabalhando com os alunos em sala de aula. Reconheço nessa experiência, mais uma vez, a transmissão de saberes oriundos das culturas populares, dessa vez, sob a nossa orientação, em um espaço formal de sala de aula. O estágio obrigatório me oportunizou revisitar as vivências citadas anteriormente neste artigo, exercitando o fazer docente na prática em sala de aula. Construimos nossos conteúdos e objetivos pautados nos saberes culturais do bumba meu boi, valorizando a oralidade. Nosso plano de curso “Brincando e aprendendo com o bumba meu boi” buscava explorar a história da manifestação, reconhecendo os elementos, sonoridades e personagens através da narração, leitura, jogos teatrais e experimentação artística.

Figura 6 - Trabalhando toadas de bumba meu boi com os alunos.



Fonte: Acervo Pessoal

Nossas aulas foram construídas pensando nas diferentes realidades existentes de cada aluno. Notamos que muitas crianças não tinham muitas vivências com o bumba meu boi, como descreve as alunas em trechos de seus diários de bordo:

Nas últimas aulas eu tive a oportunidade de conhecer e me aprofundar no assunto do São João/Bumba Meu Boi através das aulas de teatro dos estagiários, que pra mim é muito interessante para conhecermos mais sobre nossa cultura.” - S.C, 7º ano B

Nesse bimestre eu tive a oportunidade de entender um pouco mais do São João e da história por trás dessa comemoração típica através das aulas de teatro, eu gostei muito dessa experiência. - E.G, 7º ano B

Outros desafios foram revelados durante o estágio, um deles foi garantir a inclusão de uma aluna PcD nas atividades corporais de forma justa. A aluna estava afastada das aulas durante o período, por questões de saúde e, quando voltou, já estávamos aplicando o plano de ensino com a turma de um modo específico, lembro-me da surpresa que foi vê-la entrando em sala de aula em um dia de prática corporal. Essa experiência foi nova para nós e nos levou a buscar caminhos para garantir a inclusão da aluna nas aulas. Bell Hooks afirma que: “Apesar do multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformador de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão” (HOOKS, 2013, p.51).

Junto a esses dois desafios: desconhecimento dos saberes populares acerca da manifestação do bumba meu boi e inclusão de pessoas PcD nas atividades corporais, nos deparamos com um terceiro, que foi ter que lidar com uma certa resistência de alunos que vinham de famílias evangélicas que se opunham praticar atividades voltadas para as culturas populares.

Sobre a relação entre cultura e intolerância religiosa Fiori, Moraes, Sangenis (2021, p. 411) afirmam que:

O Brasil, colonizado pelo europeu católico, ainda hoje tem dificuldades para se desprender das heranças colonizadoras. Ensinado a partir de uma educação eurocêntrica, com um currículo pensado a partir das epistemes hegemônicas, o indivíduo brasileiro reproduz o racismo entranhado na nossa cultura - aqui nos referimos à cultura erudita, escolhida como pauta do currículo escolar, que corresponde ao capital cultural de maior prestígio - em detrimento da cultura do outro, produto da mestiçagem, hierarquizada como a popular.” (Fiori, Moraes e Sangenis, 2021, p,411)

No desenvolvimento de nossas atividades práticas tivemos, então, que lidar com dois fatores: a. não participação de alunos motivados por crença religiosa; b. dispersão de alunos que não participavam dessas atividades. Os alunos participavam das atividades somente quando sentiam-se à vontade, mesmo sabendo que muitas vezes essa orientação religiosa vinha do ambiente familiar de cada um e não partia de sua vontade pessoal. Abertos à escuta para a experiência dos alunos, fomos fazendo adaptações necessárias no decorrer das aulas, para a finalização do estágio montamos com a turma o texto “O desejo de Catirina”, de Brena Maria²⁶. No final recolhemos os diários de bordo produzidos durante as aulas e os alunos descreveram suas impressões sobre as atividades propostas pelos estagiários da seguinte forma:

A metodologia dada era uma metodologia a que não estávamos acostumados, porém amamos ela e creio que surpreendeu todos da sala. Todas as aulas deixavam com um gostinho de quero mais não era nada entediante ou algo do tipo, o Wiliam e a Jennifer sempre fazia de tudo para aprendermos tudo de uma forma prática, se a gente não entendia eles explicavam tudo de novo com a

²⁶ Atriz, dramaturga e estudante de Licenciatura em Teatro - UFMA.

maior paciência do mundo a pergunta poderia ser a mais besta que eles não deixavam de explicar. - M.E, 7 ano B

Primeiramente queria parabenizar os estagiários pelas aulas incríveis que nós deu, aulas extremamente interessantes e dinâmicas! Amo teatro e compartilhar essas aulas com eles foi muito gratificante, eu desejo tudo de bom para eles, e que eles consigam conquistar todos os sonhos deles.- D.E, 7 ano B

Depois dos alongamentos, grande parte das vezes tinham brincadeiras para exercitar coordenação motora, criatividade e etc.. Depois disso íamos pro texto teatral trabalhar em grupo e graças a isso perdi uma parte da minha vergonha que tinha... - J.G, 7 ano B

Nós aprendemos um passo típico de dançar de São João, depois a sala se dividiu em 2 grupos. Os 2 grupos vão trabalhar na peça “ O desejo de catirina. A apresentação vale nota bimestral, então deve ser bem trabalhada e executada. - A.V, 7 ano B

Observamos nesses relatos que a didática proposta, que em primeiro momento foi recebida com uma certa estranheza pelos alunos, foi o que possibilitou que a execução desse trabalho em sala de aula fosse concluída. Pensar uma Pedagogia do Teatro em um ambiente escolar é também buscar aproximar a metodologia para a realidade dos próprios alunos. Refleti sobre essa experiência, calculei algumas rotas e decidi seguir trabalhando a temática do bumba meu boi em sala de aula. Carrego ela comigo até o último estágio na graduação, o estágio obrigatório em ensino médio ou técnico, realizado no Centro de Artes Cênicas do Maranhão²⁷. “Os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos (...)” (HOOKS, 2013, p. 36). Na oportunidade, dividi a sala de aula com a estagiária Danniará Boaes, que montou e executou as propostas comigo.

Nessa segunda experiência trabalhamos com alunos de 18 a 49 anos, e com o decorrer das aulas percebemos que a experiência não seria muito diferente da anterior, pois alguns alunos também não tinham tantas vivências com a cultura popular e se mostravam dispersos durante as aulas. Buscamos ir alterando nossas visões para garantir a participação efetiva de todos os alunos. “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (HOOKS, 2013, p.56) Oferecemos aulas expositivas sobre personagens e historicidade do bumba meu boi, oficinas de dança popular e auxiliamos os alunos na direção da montagem de encerramento do período.

Figura 7 - Aula de prática corporal.

²⁷ Instituto profissionalizante que oferece formação em Teatro e Artes em São Luís-MA.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 8 - Apresentação final dos grupos.



Fonte: Acervo Pessoal

Na imagem acima, faço referência ao trabalho de um dos grupos que criou uma releitura da história de Catirina e Pai Chico²⁸, trazendo uma linguagem performática e trabalhando elementos estéticos e materiais propostos por eles mesmos. Durante o período de montagem, os grupos tiveram as orientações pedagógicas para experimentar e

²⁸ Personagens centrais do boi, um casal de escravizados que viviam na fazenda

criar seus próprios roteiros. O papel dos estagiários nesse momento foi de consultoria, dando assistência durante o período dos ensaios, de modo que as criações dos alunos tivessem suas alterações poéticas, mas que não destoasse e acabasse caindo no risco de desconfigurar os principais elementos destacados na história tomada como referência para o trabalho, que traz o conflito de Catirina que quer comer a língua do boi preferido do patrão.²⁹

Busquei nessas duas experiências de estágio, trabalhar os saberes populares transmitidos em torno da brincadeira do bumba meu boi, sempre aberto a mudanças, alterando os planejamentos e revendo algumas concepções.

Para Bell Hooks:

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 273)

Nesse campo de possibilidades, a sala de aula me surpreendeu e em muitos momentos tive que abrir mão de algumas ideias que estavam enraizadas em mim, permitindo-me encarar realidades distintas.

REVELAÇÃO DO DESEJO DE PESQUISA

Atualmente, no ano de 2024, sou aluno de dança popular no Núcleo Arte Educação e mediador da Casa do Maranhão³⁰ e me encontro no papel de mediar sobre as manifestações que estão presentes no acervo para os visitantes. Estar inserido nesse lugar colabora com o meu entendimento sobre as Culturas Populares a partir do espaço, que carrega resistência e uma trajetória marcada por saberes.

O acervo da casa é composto por duas exposições, sendo uma delas “Saberes tradicionais e etnografias de comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas e assentados de toda a Amazônia Legal”³¹. A segunda exposição trata sobre manifestações

²⁹ Vale ressaltar que há diferentes maneiras e elementos narrativos que contam a história de Catirina, reconhecendo as diversas variações dessa história no interior do estado. “Suspeitemos desse auto original, que pressupõe a história de Catirina e Pai Francisco e vamos encarar essa história como uma possibilidade narrativa, um enredo criado tendo como fundamento a consumação de um desejo.” (VASCONCELOS, 2007, p.94) Para maior compreensão, ver a Dissertação de Gisele Vasconcelos “O Cômico no bumba meu boi”.

³⁰ Espaço sociomuseológico desde 2001 com acervos e visitação abertas ao público.

³¹ Exposição “Saberes Tradicionais e Etnografia” agrupa Centros de Ciências e Saberes, que constituem uma rede de associações de base comunitária de pesquisadores e de instituições científicas, que visa fortalecer o patrimônio cultural de povos e comunidades tradicionais na Amazônia, através de uma relação dinâmica entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais. (UEMA, 2016) Disponível em: <<https://www.uema.br/2016/03/seminario-internacional-e-exposicao-saberes-tradicionais-e-etnografia-sao-realizados-na-uema-e-na-casa-do-maranhao-2/>> Acesso em: 20 de jun. de 2024

populares Maranhenses, como o bumba meu boi, o tambor de crioula³² e o ³³festejo do divino espírito santo. Durante esse período, mediando sobre as manifestações populares e saberes tradicionais para diversos tipos de pessoas, de vários lugares do mundo pude compreender sobre meu próprio tema de pesquisa.

A transmissão de saberes está presente em vários lugares: Na oralidade, nos elementos estéticos, sonoros e materiais presentes no acervo, das entidades e guias espirituais da casa, nas informações recebidas pelos visitantes que vivenciam diretamente as culturas e os objetos que estão presentes nas exposições. Assumir o lugar de mediador nesse território foi um processo de descobrimento do poder das histórias e entre minha relação com esse espaço de conhecimento, o artista-pesquisador que um dia foi criança brincante recebe atravessamentos adquiridos nessa experiência, que vão refletir nas próximas etapas deste trabalho.

Após diferentes vivências dentro do universo das culturas populares relatadas e descritas acima, me pego refletindo sobre muitas coisas. Entre elas, os caminhos trilhados até aqui e os espaços que ocupo durante este trajeto. Desde a minha infância no boi do reforço escolar, minha participação nas companhias em uma tentativa de me aproximar da cultura após um tempo afastado, minha entrada no audiovisual através do Ilha em edição, o trabalho cênico desenvolvido no Coletivo Cipó, as experiências de estágio obrigatório no curso de Teatro na UFMA, no curso de danças populares do Núcleo Arte, na Casa do Maranhão e por fim, a pesquisa de conclusão do curso de graduação, me levando de volta ao barracão da Floresta.

Toda minha formação aconteceu em espaços públicos, ongs, iniciativas sociais e por esses motivos pedi licença e escolhi o boi da Floresta, que tem práticas semelhantes, para aplicar a pesquisa “Transmissão de saberes no barracão”. Refletindo sobre o meu lugar de pesquisador, entendo que nesta pesquisa não sou um brincante desse boi e pego-me pensando em como retornar a esse campo de pesquisa, ainda com olhos acesos voltados para as experiências anteriores.

Apresentei os primeiros tópicos ao leitor na intenção de situá-lo sobre como meus atravessamentos com o bumba meu boi me fizeram chegar até o barracão da Floresta e como isso influenciou minha produção artístico-pedagógica. Refletindo sobre esses espaços de iniciativas socioeducativas me deparo com três questões desta pesquisa que envolvem o Boi da Floresta, sendo elas: As formas de transmissão de saberes no barracão, o papel dele para a comunidade e o atravessamento do boi nas criações artísticas. Os métodos para realização desta pesquisa utilizaram-se de uma abordagem qualitativa, tendo em vista a necessidade de uma relação subjetiva e horizontal com o espaço e objeto da pesquisa. Visando o surgimento de novos materiais durante a

³² “É uma forma ritual de divertimento, de pagamento de promessa, é uma forma ritual de comunicação de pessoas entre si e com o sobrenatural e, ao mesmo tempo, uma forma ritual de reafirmação de valores dos negros no Maranhão.” (FERRETTI, 2002, p.28).

³³ Festejo popular realizado na cidade de Alcântara e São Luís-Ma. “ao que tudo indica, trazida por emigrantes açorianos. No decorrer do século XVII, veio para o Maranhão, em decorrência de fatores como dificuldades de sobrevivência em seus lugares de origem.” (ROCHA, 2009, p.2224).

investigação, busco trazer reflexões durante a escrita. Utilizei da metodologia da pesquisa de campo, realizando coleta de dados através de entrevistas orais. Mas não deixando fechada para a necessidade de apoiar-se também em dados quantitativos e descritivos.

TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO

O bumba meu boi do Maranhão é uma das maiores manifestações populares do Brasil, podendo carregar diferentes variações e particularidades de acordo com cada grupo e região. Antes de abordar o atual contexto em que o bumba meu boi encontra-se é necessário revisitar e fazer um recorte em seu passado, compreendendo que “A história do Bumba Boi é uma forma de encontrarmos mecanismos pelos quais as classes subalternas tentam se impor em face das tentativas de disciplinamento das classes superiores.” (Abrão, 2019, p. 11).

Originalmente o bumba meu boi é uma manifestação popular criada e difundida pelo povo preto, como afirma Carolina Martins (2015, p.27): “No século XIX, os batuques, termo genérico que compreendia os encontros festivos realizados por escravos, negros livres e libertos, eram comuns em diferentes regiões do império.” De acordo com estudos sobre essa historicidade, até meados do século XIX as manifestações originárias dos povos pretos eram proibidas e consideradas badernas: “A polícia de São Luís, no século XIX, proibia freqüentemente a realização de folguedos de negros, pois poderiam degenerar em perturbações da ordem pública. Para sair às ruas, os Bois precisam retirar uma licença junto à secretaria de polícia.” (Abrão, 2019, p. 5). A partir do século XX o bumba meu boi ganha outra dimensão e ocupa outros lugares.

Durante a investigação neste trabalho, ao reconhecer parte desses fatos que compõem a historicidade do bumba meu boi, não seria possível prosseguir na pesquisa sem antes tratar desse aspecto e dar destaque à forte resistência cultural dos grupos e pessoas que estão inseridas na brincadeira. Um ponto importante de reflexão, é reconhecer que as dificuldades encontradas, desde aquela época, só foram enfrentadas devido ao protagonismo e resistência dos que vieram antes e dos que ainda hoje fazem cultura popular no Maranhão. Dos períodos citados acima até os dias atuais a manifestação popular ganha outra dimensão, porém ainda enfrenta dificuldades e percalços para a sua sobrevivência.

O bumba meu boi destaca-se em meio a outras manifestações culturais por sua resistência cultural, diversidade, fé e tradição. A brincadeira agrupa os saberes e valores de um povo através das diversas maneiras de brincar. Além dos ritos, ações e tradições, o boi também atravessa os campos pedagógicos, materiais e estéticos, através das toadas, teatralidade, musicalidade, bordado e trabalhos feitos à mão. Além dos elementos citados acima, os grupos de boi também estabelecem uma relação direta com o território em que está inserido. O barracão do boi, que é ponto de interesse deste trabalho, também ocupa-se de um papel pedagógico, fruto de um trabalho que não se restringe somente aos meses de maio, junho e julho.

No dia 21 de junho de 2024 eu retorno à sede do Boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade, para coletar os dados e realizar as entrevistas com alguns integrantes do grupo. Inicialmente a entrevista seria realizada com três pessoas, durante a visita senti a necessidade de estender o número de participantes e apliquei a entrevista com mais dois brincantes, resultando em cinco pessoas do grupo, sendo elas: Nadir Cruz³⁴, Lucília Melônio³⁵, Neto Silva³⁶, Ana Karina³⁷ e Carol Santos³⁸. As fotos abaixo são registros da visita à sede do boi:

Figura 9 - Wiliam ao lado de Ana Karina, Carol Santos e Neto Silva.



Fonte: Acervo Pessoal

Além dos entrevistados, também tive conversas com demais integrantes que se encontravam no barracão e colocaram-se à disposição, em meio aos preparativos para uma apresentação naquele dia, fazendo colaborações sobre as trajetórias deles no grupo. Para esse estudo, levamos em consideração a importância da tradição oral para a transmissão de saberes no seio da brincadeira do bumba meu boi. Sobre a transmissão de saberes pela tradição oral, Hampaté Bâ afirma que:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral

³⁴ Nadir além de bordadeira, é coordenadora do Boi da Floresta, foi companheira do Mestre Apolônio e com ele teve duas filhas.

³⁵ Lucília Melônio é sobrinha do Mestre Apolônio e bordadeira do Boi da Floresta.

³⁶ Neto Silva é o atual Pai Francisco do Boi da Floresta, mas já foi Índio da tribo e Cazumba.

³⁷ Ana Karina é mutuca do Boi da Floresta, ajuda na organização e mãe de uma das brincantes.

³⁸ Carol Santos é Índia do Boi da Floresta.

consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade Primordial.” (Hampaté Bâ, 2010, p.169).³⁹

Figura 9 - Pós entrevista com Nadir Cruz e Lucília Melônio



Fonte: Acervo Pessoal

Segundo Lucília Melônio, o boi da Floresta foi fundado no dia 12 de março de 1972 por mestre Apolônio Melônio. Lucília é sobrinha do mestre e me contou sobre a relação do seu tio com os grupos de bumba meu boi:

Muita gente não sabe, mas quem fundou o Boi de Pindaré foi Apolônio e nessa época, na década de 60 eu tinha nove anos de idade e desde essa época eu brinco no boi. Terminou o primeiro boi, ele deu pra João Cância e Coxinho. Ele botou um boi no São Francisco, desse boi ele botou um no Sá Viana, do boi de Sá Viana ele fundou o boi da Floresta, que é esse que você está. Ele foi fundado em 12 de março de 1972. - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio.⁴⁰

Perguntei sobre o mestre ter fundado seu primeiro grupo quando tinha oito anos de idade, informação que recebi em uma mediação na Casa do Maranhão e ela respondeu:

³⁹ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁴⁰ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

Chamava... (Risos) “Ramalhete”. Como era criança né? Eles não tinham como comprar a barra do boi, uma senhora foi e doou uma saia velha. Ele criança aceitou, quando o boi deu certo, os adultos perguntavam pro meu tio onde o “Saia Velha” ia brincar. Ele ficava possesso de raiva por chamarem o boi dele de saia velha, mas era chamado Ramalhete - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio.⁴¹

O mestre de cultura popular Apolônio Melônio é natural de São João Batista - MA e veio do seu território trabalhar em São Luís como estivador. Neto Silva é brincante do Boi desde os treze anos de idade e sua fala contempla a fala de Lucília sobre a chegada do mestre na atual sede do barracão da Floresta:

Antes de ser Liberdade aqui era uma invasão, o que tinha localizado aqui era o matadouro, um mercado de bois que chegava. Os navios que atracavam na beira-mar também atracavam aqui na Liberdade. Tinha esse canal, Apolônio como estivador veio pra cá e o padre da Igreja Santo Expedito chamou Apolônio e perguntou se ele não queria botar um boi. Ele disse que não tinha dinheiro e o padre disse que emprestava. Como o nome da rua já era floresta, por conta de muito mato, como ainda tem hoje presente aqui atrás da sede... E aí eles botaram o Boi da Floresta de Mestre Apolônio. - Neto Silva, pai Francisco do Boi da Floresta.⁴²

Carolina Martins (2015, p.148) em sua pesquisa sobre o boi de Pindaré, reconhece que grande parte dos homens cantadores e fundadores de bumba meu boi trabalhou em atividades portuárias, exercendo a função de estivadores e eram negros migrantes da baixada Maranhense e cita; “Coxinho, João Cânciao, Apolônio Melônio, Antoninho, Zé Olhinho e outros se deslocaram para a capital na segunda metade do século XX em busca de melhores condições de vida.” Essa afirmação reforça o contexto social da época: “A experiência desses sujeitos, em sua maioria negros, reunidos em torno da brincadeira do boi e também no mundo do trabalho permite perceber um pouco o contexto do Pós-abolição no Maranhão.”

Pesquisando sobre esse contexto inicial dos mestres de cultura popular e na atual realidade do Boi da Floresta percebemos que o grupo sempre teve uma relação direta com as crianças da comunidade, pois todos os entrevistados foram acolhidos no Boi ainda crianças. Como descreve Carol Santos, com sua filha ao seu lado:

Ei minha filha vai pra lá! Cheguei aqui com treze anos, através da minha avó e desde pequenininha eu acompanho o boi. Entrei com treze anos, eu era índia e até hoje sou só Índia mesmo. Moro na liberdade desde essa época. E a educação é o aprendizado com os bordados, que hoje eu mexo com eles, entendeu? Eu faço as indumentárias. Aí com os bordados, as danças das tribos, das índias e dos caciques, com a percussão e outras atividades que o boi desenvolve eu vejo cada vez evoluindo bastante (Risos) - Carol Santos, Índia do Boi da Floresta.⁴³

O Boi da Floresta desenvolve ações pedagógicas com a comunidade através de oficinas de bordado, percussão e danças. Em meio a um bordado, Nadir narra um pouco sobre as ações do Boi. Sobre essas formas de narrativa Gisele Vasconcelos (2007, p.69)

⁴¹ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁴² Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁴³ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

afirma: “No trabalho manual e artesanal, a narrativa flui espontaneamente no ritmo do trabalho.” Manuseando uma máquina de costura e preparando uma indumentária de um dos brincantes Nadir descreve:

Algumas atividades são feitas no primeiro semestre, no segundo semestre temos novas oficinas, mas são oficinas alternativas, a gente sempre pega alguns brincantes que têm experiências novas e traz para dar oficinas. O segundo semestre é o semestre da gente trabalhar a junção de atividades multidisciplinares com o bumba meu boi, é período da gente trabalhar pinturas, literatura, aulas de yoga e oficinas. No primeiro semestre foram oficinas de bordado, danças, toques e canto. - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta.⁴⁴

Pensando na relação da infância e o boi, Ana Karina e Neto Silva, que gravaram o curta-metragem no barracão comigo no ano de 2022 me descrevem sua chegada no grupo e as experiências que o boi oferece aos envolvidos:

Tinha um projeto aqui chamado Floresta Criativa, o boi sempre passava lá na porta, mas meus pais não deixavam eu participar. Até que eu consegui fazer a cabeça da minha avó pra fazer a minha inscrição no projeto pra eu aprender várias coisas, não só o boi. Disso eu consegui sair no boi e ela conseguiu ver minha evolução, vinha muito jornal pra sede e eu acabava dando muita entrevista. Nisso ela despertou uma coisa que mais na frente ela poderia me ver de outra forma. Três anos depois, comecei a ter experiência em aula e comecei a passar o que eu tinha aprendido durante o projeto para outras pessoas, não só brasileiros mas também pessoas de fora do país. Vieram umas meninas dos Estados Unidos e fizeram uma semana de vivência, eu ensinei elas a bordar e elas terminaram minha saiota⁴⁵. Eu entrei no boi e queria ser pandeirista, mas fui ser cazumba, de cazumba fui ser cacique, de cacique eu fui ser pai francisco. Hoje ao invés de eu tocar, eu danço. Quando eu virei adulto eu comecei a ver essa questão pedagógica, que eu podia pegar tudo que eu tinha e levar pra outros lugares até mesmo de uma forma escolar. Hoje em dia dou muita oficina em escolas e trago elas pra cá pra vivenciar tudo que a gente vive aqui. - Neto Silva, pai Francisco do Boi.⁴⁶

“Eu vinha acompanhar o boi desde meus onze anos de idade, minha avó fazia parte do boi e aqui dava muita oportunidade de curso, oficinas e aí até a minha adolescência... Sempre fui mutuca, nunca dancei no boi, hoje ajudo aqui na organização do boi. Fiquei de maior no boi, perdi minha avó e aí fiquei mais apaixonada no boi, ela era apaixonada pelo bumba meu boi. Desse boi, tive uma filha com um boieiro, dentro do boi (Risos) É assim, de geração em geração, hoje minha filha tem onze anos, faz dois anos que ela brinca no boi. É isso aí, minha paixão pelo boi. Sou mutuca e faço tudo, organizo, venho e cozinho aqui, entendeu? Como eu te falei que o boi aqui eles ajudam muito a gente desde a infância, tem o bordado, passar o dia, vem da escola, eu cresci aqui praticamente aprendendo a bordar. Eles desenvolvem aula de percussão, no bordado, até hoje ainda tem esses projetos. Hoje tem muita criança, na

⁴⁴ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁴⁵ Peça da indumentária, mini saia de veludo preto bordado com miçangas, paetês e canutilhos. (MANHÃES, 2009, p.185)

⁴⁶ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

maioria dos bois a gente não vê e o boi da floresta dá essas oportunidades. Esses que vão levar o boi em diante.” - Ana Karina, Mutuca do Boi.⁴⁷

Percebemos nas falas acima, dois pontos importantes para reflexão. Primeiramente, Neto Silva destaca a oficina como uma prática organizativa de transmissão de saberes e, logo após, a Ana Karina, nos faz refletir sobre a importância da vivência no cotidiano do barracão e sobre a presença de suas familiares, trazendo em sua memória afetiva, a sua relação com a Avó e a construção de sua própria família dentro do grupo. Os saberes passados de geração em geração fazem parte dos ciclos afetivos presentes dentro da grande família que é o Boi da Floresta e que também podem ser transmitidos para o público externo, por meio de oficinas como práticas organizativas de saberes. É notória, ainda, a importância da inserção das crianças nas atividades para a continuidade da brincadeira. Nadir Cruz, que chegou no boi aos doze anos, nos fala sobre essa experiência da infância:

“(…) Eu precisava ocupar o tempo, como eu vinha de uma infância um pouco problemática eu tinha que mudar de vida. Apolônio percebeu o meu potencial e começou a me mostrar algumas coisas de gestão. Ele era um homem com uma experiência muito grande, mas ele não dominava nem a leitura e eu cheguei com um certo conhecimento, embora parada, não estava mais estudando. Uma das primeiras coisas que ele fez foi que eu tinha que voltar a estudar. Eu voltei a estudar, hoje tenho formação superior em Turismo e desde aquela época eu pude contribuir com muita coisa que o boi precisava. Quando ele me deu um tecido pra eu levar minha roupa para levar para a costureira e eu mesmo fiz. A partir daí ele me botou pra fazer a roupa dos brincantes, botou uma máquina velha, comprou tecidos verde e rosa e eu comecei a fazer. Eu ficava o dia todo, tinha comida, bebida, tinha uma casa pra ficar...” - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta.⁴⁸

O acolhimento do Boi da Floresta proporcionou a Nadir Cruz, além de uma casa, a possibilidade de voltar aos estudos e ter uma formação. Nadir afirma que o boi tem muita importância na vida das pessoas pela promoção ao resgate de jovens e no processo terapêutico que proporciona a eles. A transformação social através do fazer cultural está presente no grupo em diversos eixos. Na área da educação o boi trabalha com formação de crianças na primeira infância. Na área do turismo com jovens e adultos e outras atividades pontuais que acontecem durante o ano todo. Texeira (1889, p.10) é assertivo ao afirmar: “Enquanto uns querem fazer da cultura um espetáculo, pago ou gratuito, outros começam a usá-la para tirar os jovens das ruas e da violência e oferecer-lhes uma alternativa.” Nadir destaca também que todas as atividades são desenvolvidas pelos próprios integrantes do grupo:

“Pessoas que são da comunidade que vai lá fora adquirir conhecimento, quando elas voltam, elas voltam multiplicando esse saber. Por exemplo, Neto fez um curso de audiovisual, na questão do som, então todo projeto que tem ele é chamado para compor a equipe nessa função e assim tem vários outros. Esse material humano é trabalhado dentro do boi, não tem uma grade curricular, é muito espontânea. Claro que tem que ter uma sistemática, mas ela é mais empírica, na prática, é uma engrenagem bastante louca mas tem dado

⁴⁷ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁴⁸ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

certo. Mas nós temos um planejamento, todas as nossas atividades são mediante reuniões mensais e bimestrais, tudo muito bem combinadinho.” - Nadir Cruz, Coordenadora do Boi da Floresta⁴⁹

Os saberes transmitidos dentro do grupo são de forma espontânea, porém sistemático, do mesmo modo como nos diz Hampaté Bâ, sobre a transmissão de saberes tradicionais: “Por outro lado, o ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo.” (Hampaté Bâ, 2010, p. 183). O boi da floresta oferece conhecimento aos brincantes, possibilitando a eles novas possibilidades e perspectivas através do saber cultural:

“O importante é que o mote principal das atividades é fazer com que o brincante adquira autonomia social, cidadã, financeira, em várias etapas que o boi oferece. Por exemplo, no bordado com quinze anos eles já começam a aprender a partir da oficina e vão melhorando a prática. Melhorou, vem a etapa do empreendedorismo, é quando eles já são adultos e aí a gente mostra pra eles que aqueles bordado tem rentabilidade financeira e que pode ser transformado em uma profissão. Ele vai ser bom para ambos os lados, ele vai ser bom para o boi, pois vai fazer a manutenção desse saber cultural que é único. Ele vai ser bom pra ele, um futuro empreendedor artesão. Vai ser bom para a sociedade, pois dali vai nascer um futuro professor. E a questão de monetizar esse saber fazer cultural. Então ele é professor que ganha como professor, ele pode abrir um ateliê na casa dele e daqui ele já parte sabendo precificação, como se comportar diante da clientela, como ele vai vender o produto dele, como vai distribuir, até ele adquirir autonomia. Tudo que foi feito comigo, estou replicando” - Nadir Cruz, Coordenadora do Boi da Floresta⁵⁰

Estas ações e outros posicionamentos do Boi da Floresta em relação aos que estão envolvidos ali mostram a importância de repassar os saberes recebidos através das práticas organizativas dentro do barracão. Os mestres de cultura popular são mestres de vida, pois através do bumba meu boi modificam a comunidade e o lugar em que o grupo está inserido, como uma prática de arte-ação, como instrumento de mudança estética e social. Na visão de Teixeira Coelho, a arte-ação, noção lançada por Mário de Andrade, deveria: “promover a consciência da função histórica do brasileiro atual, colocar a arte a serviço da educação e da formação do público”. (COELHO, 1889, p. 08)

Perguntados sobre como veem o Boi daqui há alguns anos, Neto Silva e Nadir Cruz dizem que imaginam o boi com certas modificações mas sem perder a tradicionalidade e originalidade:

“O boi nunca vai perder a tradicionalidade, mesmo que seja daqui há 50 anos, mesmo que já tenham robôs, a gente sabe que a tecnologia vai avançar, mas mesmo que tenha isso, carros flutuantes, mesmo com tudo isso o boi nunca vai deixar de ser como é. A gente começou e vai terminar. Daqui a 30 anos eu digo que vou ser cantador do boi, eu me vejo sendo cantador do Boi.” - Neto Silva, pai Francisco do Boi da Floresta.⁵¹

“Daqui alguns anos esse boi está de pé, com outras características, a cada mão que ele vai passando ele vai se modificando. Talvez com outras características

⁴⁹ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁵⁰ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

⁵¹ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

mas a gente já pode prever que está embutido em cada cabeça de cada um a questão da tradicionalidade. Então ele pode até ter características diferentes mas a essência vai ser a mesma. Isso a gente já conseguiu colocar na cabeça deles, eles já sabem que nós somos um boi tradicional que nós não temos muita coisa pra mudar e que as mudanças que acontecem são imperceptíveis aos olhos da sociedade, só quem sabe que muda é a gente, só nós sabemos. É diferente de outros sotaques que todo ano tem uma mudança drásticas, impactante...” - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta⁵²

Pensar a relação da modernidade com um boi que se afirma como tal é instigante, pois em um mundo que está repleto de informações e coisas obsoletas, manter a tradição de se reinventar sem se distanciar das raízes pode ser um desafio. Porém este trabalho de conscientização foi iniciado lá atrás por Mestre Apolônio e é seguido hoje pelas pessoas que compõem o Boi da Floresta. A tradicionalidade é um dos motes principais do grupo:

“Desculpa me meter, mas é o seguinte: Meu filho pode perceber que muitos grupos de bois já batizaram. O nosso todos os anos, desde a época do mestre sempre foi dia 23, é tradição. São poucos bois que ainda não batizaram, se a gente fizesse isso de batizar outro dia não seria a mesma coisa” - Lucília Melônio, bordadeira e sobrinha do mestre Apolônio.⁵³

“A cultura é dinâmica, não é enrijecida, não é estática. Mas se eu não tiver, ou as filhas, os filhos da gente a gente cria é pro mundo. Elas podem até não estar, mas qualquer outra pessoa que assumir vai ter esse critério.” - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta.⁵⁴

Durante as conversas os entrevistados destacaram a importância da tradicionalidade para o boi. As experiências e conhecimentos partilhados dentro do Boi da Floresta, desde a iniciação, se assemelham à uma educação tradicionalista, no sentido proposto por Hampaté Bâ, quando afirma que desde a iniciação “a educação tradicional, sobretudo quando diz respeito aos relativos a uma iniciação, liga-se à experiência e se integra à vida.” (Hampaté Bâ, 2010, p.182.) Os entrevistados descrevem em seus relatos a sabedoria transmitida no boi da seguinte forma:

“A sabedoria que eu acho que o boi transmite é a tradicionalidade, aquela tradicionalidade desde 1972 até 2024. A gente nunca perdeu e sempre continua, então quando uma pessoa olha ele vê a tradição, pois quando olha outro grupo ele consegue diferenciar. Eu acho que o que desperta muito é a curiosidade de saber de onde vem aquilo” - Neto Silva, pai Francisco do Boi.⁵⁵

“Tá vendo a miudinha ai, de braço. Ela já aprende estando aqui, mais tarde ela entra na oficina de ludicidade e aí ela vai conhecer cultura através do lúdico. O bacana disso é que geralmente quem ensina essa oficina é quem já brinca boi, que ela conhece e já tem uma relação. Muitos dos nossos povos adquirem o conhecimento lá fora e aplicam aqui no barracão.” - Nadir Cruz, coordenadora do Boi da Floresta⁵⁶

⁵² Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024

⁵³ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024

⁵⁴ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024

⁵⁵ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024

⁵⁶ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A NOSSA FLORESTA É SHOW

No encontro com o barracão da Floresta, vimos que a transmissão de saberes ali experimentada ocorre de maneira cíclica e ensina é quem brinca. Perceber a tradicionalidade como proposta pedagógica de transmissão, é também reconhecer o dinamismo que ela contém. A cultura por si não é estática, os saberes são repassados de geração em geração. Bráulio Tavares (2005, p.142) nos diz que: “A tradição é o chão onde toda a cultura pisa, pois ninguém pisa no ar, ninguém começa nada a partir do zero. Tudo começa a partir de algum passado, de um acúmulo.” A oralidade e a tradição presentes nas ações que o Boi da Floresta proporciona para a comunidade é uma nova perspectiva de futuro para as pessoas que estão chegando ou já inseridas no grupo. Promovendo outros sentidos, identificação e narrativas orais com a tradicionalidade.

Além disso, compreendemos que dar espaço e liberdade ao imaginário das crianças e jovens possibilita o surgimento de novas potências para o cenário cultural, pois aos oito anos de idade o Mestre Apolônio montou seu primeiro boi, que apesar de visto por alguns como simples e mais uma brincadeira infantil, foi nessa experiência inicial que o mestre encontrou uma possibilidade prática e deu continuidade a esse fazer cultural. Como vimos, nos relatos anteriores, essa expansão de saberes deu-se com a criação de novos grupos de bumba meu boi, que ainda re-existem nos dias atuais, assim como com a criação e fundação do Boi da Floresta, consolidando-se como ponto de cultura de grande importância para a cultura maranhense e na vida das diversas pessoas de sua comunidade.

Durante a finalização das entrevistas, Lucília Melônio nos disse:

A gente só tem a somar. Só a gente pegar uma criança que fica o dia inteiro correndo por aí e resgatar, trazer pra sede, isso é muito gratificante. Aí se engaja nos projetos, quer ser Cazumba, tocar pandeiro, aprender qualquer coisa e não quer mais voltar para aquela vida. Se torna um artesão, um bordador, um percussionista.. Tu sabe que a gente é coração de mãe, cada um que se agrega é felicidade pra gente⁵⁷.

A fala de Lucília traz a dimensão da importância do Barracão como instrumento de mudança estética e social para a comunidade. As atividades promovidas dentro do barracão são, na maioria das vezes, ministradas pelos próprios integrantes do grupo, quem ministra é quem brinca. Esses por sua vez, encontram no boi além do acolhimento, a oportunidade de exercer um papel educativo e de transmitir os saberes adquiridos à frente. Assim como os entrevistados, Neto Silva, Ana Karina, outros integrantes, que também entraram no grupo ainda na infância, puderam descobrir no Boi da Floresta uma outra perspectiva de vida.

A partir desta pesquisa, encontro o senso de pertencimento que venho tentando recuperar desde a minha reaproximação com o bumba meu boi. Compreendendo o motivo por qual as culturas populares estão presentes e influenciam minhas criações artísticas, pedagógicas, científicas, pois identifico que foi por meio delas que me inseri no universo artístico. Se eu não tivesse sido aluno daquela professora que iniciou diversas crianças no

⁵⁷ Informação oral obtida em entrevista no barracão do Boi da Floresta em junho de 2024.

boi na educação infantil, seria eu esse artista-educador que hoje me apresento? Pensar essas pessoas e esses espaços que iniciam crianças e jovens na cultura como formadores artísticos é elevar as possibilidades de transmissão de conhecimento e refletir sobre nosso ofício e sobre a importância da prática da docência em arte. Assim como o reforço escolar da minha infância, que foi citado na introdução deste trabalho, o espaço do Boi da Floresta é um dos diversos pontos de ações culturais espalhados pelo Brasil.

Pensar na historicidade do bumba meu boi de modo geral é identificar um passado carregado de lutas e resistência do povo preto que por muito tempo tiveram suas manifestações proibidas e vistas como práticas de “badernas”. Esta configuração mudou, mas atualmente ainda seguem na resistência encontrando outras dificuldades, como a sua própria inserção nas práticas de ensino.

Pensar e lançar um olhar para o Boi da Floresta é uma oportunidade de enxergar caminhos de um presente onde a cultura pode ser a chave para a educação e para a formação através de saberes implementados na prática organizacional do barracão. Apesar de não saber como o espaço do Barracão será configurado daqui há alguns anos, enxergo nele inúmeras possibilidades, desde instituto de formação a centro de cultura, entre outras. Concluo afirmando que nos dias atuais ele é acima de tudo, um espaço sociopedagógico de inclusão social e de transmissão de saberes culturais. Através das atividades desenvolvidas como as oficinas de bordado, dança, percussão e outras ações propostas pelo barracão, tem-se a promoção do ensino-aprendizagem e a formação estética de pessoas da comunidade, permitindo que os brincantes construam dentro do boi novas e suas próprias narrativas, construam suas famílias, suas experiências estéticas e suas memórias coletivas. Sendo assim, o boi por si só é uma ação-arte, é uma ação cultural.

REFERÊNCIAS

ABRAO, C. F. Z.. BRINQUEDO DE ESCRAVOS: O Bumba meu Boi do Maranhão no século do progresso.. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, 2019, Natal. III Seminário Internacional Brasil no século XIX., 2019.

**ADAM, Júlio César; ARRUE, Lucas Villan; Cristianismo e Cultura Pop: Um diálogo sobre a relação entre a Cultura Cristã e as manifestações Culturais da pós-modernidade. Iniciação Científica Cesumar, 16 de julho de 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/6625>
Acesso em: 25 de Maio 2024.**

AGÊNCIA IBGE. Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In:KI-ZERBO, Joseph (Org.).História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo/SP: Ática/UNESCO, 2010. pp.181-218.

BORRALHO, Tácito Freire. O teatro do Boi do Maranhão – brincadeira, ritual, gestos e movimentos. 2012. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

BOSSARD, Giselle. Brincando na Floresta. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/o083wgkU EM?si=zP-CYqcVhrYZuE76>

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. A graça de contar: narrativas de um Pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão / Luciana Gonçalves de Carvalho. - Rio de Janeiro : UFRJ, IFCS, 2005.

COELHO, Teixeira. O que é ação cultural! São Paulo: Brasiliense, 200 I. -- (Coleção primeiros passos; 216)

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Culturas populares: múltiplas leituras. In: Seminário nacional de políticas públicas para as culturas populares, 2005, Anais. Brasília: Ministério da Cultura, p. 27-33, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERRETTI, Sérgio. Tambor de Crioula: Ritual e Espetáculo. 3 ed. - São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.

FIORI, Eneida da Silva; MORAIS, Érica Renata Vilela de; SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Cultura popular: Articulações entre religião e cultura afro-brasileira. V 2. n 4 - Universidade do estado da Bahia: ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13030/9146>

FORMAÇÃO MA. Nossa história e causa. 2023. Disponível em: <<https://formacao.org.br/nossa-historia-causa/>>. Acesso em: 27 de jun. de 2024

FORMAÇÃO MA. Projeto Ilha em edição. 2023. Disponível em: <<https://formacao.org.br/nossa-historia-causa/>>. Acesso em: 27 de jun de 2024.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Angela Maria da Ressurreição de; OLIVEIRA, Ana Lise Costa de; O olhar da juventude para a cultura popular na escola básica. 2013. São Cristóvão - SE. VIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10339/2/1.pdf>

MANHÃES, Juliana Bittencourt. Memórias de um corpo brincante: a brincadeira do cazumba no bumba meu boi maranhense. 2009. 208f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Carolina C. de Souza. Política e cultura nas histórias do bumba meu boi no Maranhão: São Luís do Maranhão, século XX. 2015. Dissertação (Pós graduação em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MELEGARI, Marielena Rocha; GUIMARÃES, Robison Zacharias. A união entre ludicidade e brincadeiras ao ar livre, um pilar do desenvolvimento infantil. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n° 42, 8 de novembro de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/42/a-uniao-entre-ludicidade-e-brincadeiras-ao-ar-livre-um-pilar-do-desenvolvimento-infantil>

RIBAS, A. F. P; MOURA, M. L. S. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 129-138, jan./abr. 2006, p. 129 - 38.

ROCHA, M. F. S; O divino, o império, as insígnias: Elementos do glossário da festa do divino espírito santo no maranhão, São Luís, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Sopas%20Rocha%20-%20ok.pdf Acesso em: 25 de agosto 2024.

TAVARES, Bráulio. O contemporâneo e o tradicional: diálogos, conflitos e convergências. In: *Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Anais...* Brasília: Ministério da Cultura, p. 141-150, 2005.

TIRIBA, L; BARROS, Maria Isabel Armando de. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza/Alana, 2018.

UEMA. Seminário internacional e exposição “Saberes tradicionais e Etnografia” serão realizados na UEMA e na Casa do Maranhão. 2016) Disponível em: <https://www.uema.br/2016/03/seminario-internacional-e-exposicao-saberes-tradicionais-e-etnografia-sao-realizados-na-uema-e-na-casa-do-maranhao-2/> Acesso em: 20 de jun. de 2024

VASCONCELOS, Gisele Soares de. *O Cômico no bumba meu boi*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.